

KATZ, Jack. “Uma teoria dos massacres íntimos: passos para uma explicação causal”. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 16, n. 46, p. 24-44, abril de 2017. ISSN 1676-8965.

ARTIGO

<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>

## Uma teoria dos massacres íntimos Passos para uma explicação causal

A theory of intimate massacres: Steps toward a causal explanation

Jack Katz

Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury

Recebido: 10.12.2016

Aprovado: 05.01.2017

**Resumo:** Os tiroteios em escolas e outros ataques que visam indiscriminadamente vítimas colocam desafios especiais para explicação. Sua raridade, sua psicologia enigmática e seu apelo à mídia tornam difícil definir os fenômenos a serem explicados de maneira bem adequada para descobrir processos etiológicos persuasivos. Aqui, a teoria na criminologia tem um papel especialmente valioso a desempenhar. Trabalhando a partir de princípios gerais para a definição interativa do problema a ser explicado e para o desenvolvimento de hipóteses explicativas, proponho uma explicação dos massacres íntimos como o resultado de três contingências: a busca de um ponto de não retorno; Um projeto de destruir a personificação em um determinado lugar; E um desejo convincente de transformar o caos emocional em uma linha cristalizada de ação irresistível. Uma vez compreendida a motivação no primeiro plano dos massacres íntimos, a relação destes acontecimentos com os antecedentes ecológicos e biográficos será compreendida de forma a contestar as associações frequentemente sugeridas pela sociologia folclórica. **Palavras-chave:** Crime, criminologia, teoria criminológica, definição de crime, emoções, etiologia, interacionismo, massacres, tiroteios escolares, violência

**Abstract:** School shootings and other attacks that indiscriminately target victims pose special challenges for explanation. Their rarity, enigmatic psychology, and media appeal make it difficult to define the phenomena-to-be-explained in ways well suited for discovering persuasive etiological processes. Here theory in criminology has an especially valuable role to play. Working from general principles for interactively defining the problem to be explained and for developing explanatory hypotheses, I offer an explanation of *intimate massacres* as the upshot of three contingencies: the pursuit of a point of no return; a project of destroying one's personification in a given place; and a compelling desire to transform emotional chaos into a crystallized line of irresistible action. Once the motivation in the foreground of intimate massacres is understood, the relationship of these events to biographical and social ecological background factors will be comprehended in ways that contest the associations often suggested by folk sociology. **Keywords:** Crime, criminology, criminology theory, defining crime, emotions, etiology, interactionism, massacres, school shootings, violence

O tiroteio indiscriminado de crianças em escolas levanta grandes desafios para os pesquisadores sociais\*. Há desde a dificuldade apresentada pela raridade dos eventos relativos à ubiquidade dos fatores usuais invocados nas explicações, passando pela

---

\*Este artigo foi publicado, originalmente, na revista *Theoretical Criminology*, v. 20, n. 3, p. 277–296, 2016, DOI: 10.1177/1362480615610623. Agradeço como editor e tradutor, o esforço despendido pelo Prof. Dr. Jack Katz junto aos editores da Revista *TC Theoretical Criminology* e junto a Sage Publication para a concessão de autorização desta tradução para publicação nesta *RBSE*, tanto quanto aos editores da *TC* e a *Sage Pub*, pela autorização.

perspectiva assustadora de encontrar a dinâmica motivadora em psiques extraordinariamente idiossincráticas. Além do trauma experimentado por aqueles perto da cena; o que, geralmente, irá bloquear o acesso a informações confiáveis sobre as relações sociais anteriores do atacante (*attacker*).

Contudo, o maior problema pode ser colocado na observação e análise das forças sociais que definem o assunto a ser explicado, o *explanandum*, em resposta às emoções em massa e aos interesses políticos partidários que o jornalismo suscita. Os meios de comunicação de notícias requerem uma tipificação para lançar uma história. O público absorve os crimes como um exemplo de uma classe pré-concebida, como *outro* tiroteio escolar, ato de terrorismo, como exemplo de ação agressiva ou de perder as estribeiras (*instance of going postal*), ataque de gangues, e assim por diante. Se as categorizações populares puderem ser contrastadas, a lógica para avançar até uma conceitualização mais empiricamente precisa da perspectiva do ofensor será familiar.

Essa lógica tem sido conhecida na sociologia acadêmica como a de indução analítica. Sem o benefício de uma rubrica orientadora, a mesma lógica é rotineira nas humanidades (Katz, 2001, 2015). A indução analítica está tão preocupada com a descoberta e especificação do *explanandum* quanto com a avaliação dos candidatos para a explicação. Cada fato, caso ou instância é examinado em relação a outros, com o pesquisador ajustando as definições do *explanandum* e dos *explanans*<sup>1</sup> interativamente. O resultado será separar os vários subconjuntos do que a aplicação da lei e a cultura popular fixam como um fenômeno e, a partir de então, a inclusão no *explanandum* de casos tratados convencionalmente como distintos.

Eu reformulo os fenômenos geralmente encobertos como *tiroteios escolares* com uma concepção de *massacres íntimos: íntimo* porque o lugar alvejado tem um significado biográfico para o atacante, diferente dos ataques terroristas; *massacre* porque, ao contrário dos ataques de vingança, há um ataque indiscriminado às vítimas. A categoria de massacres íntimos não abrange todos, mas muitos dos tiroteios nas escolas, tão bem como muitos dos ataques em locais de trabalho, shoppings, aeroportos e outros locais não domésticos onde o assaltante tenha ou imagina ter sofrido degradação.

Como a cobertura de notícias já terá proposto um conjunto inicial de casos para explicar, esta amostragem pode ser tomada como um ponto de partida. Mas não é tão óbvio, porém, onde procurar processos etiológicos. Uma solução é usar uma teoria da ontologia social. A ontologia social descreve a constituição de todas as instâncias da vida social, os processos identificáveis, se empiricamente interrelacionados, que criam os átomos com os quais cada momento social é composto (ver Katz, 2002).

A teoria aqui proposta se baseia no entendimento de que cada instância subjetivamente discreta da vida social é produzida por meio de uma combinação única de um comportamento ajustado pela interação, de comportamento especificado sequencialmente e de sua encarnação ou materialização. Cada momento experiencial da vida social se situa socialmente pela forma como os indivíduos envolvidos levam em conta o como a produção de uma ou outra linha de ação será vista e respondida por outros; Como cada um se encaixa na ação a ser produzida para o que em sua compreensão aconteceu um pouco antes e que é provável que aconteça depois; E como cada ator sintaticamente incorpora recursos encontrados à mão no entrelaçamento de seu corpo e da paisagem imediata.

Se não há nenhum exemplo de vida social que seja criado além da interação, sequência e encarnação, então, qualquer forma de vida social pode ser especificada ao

---

<sup>1</sup>Isto é, as razões ou as justificações explicativas [nota do tradutor].

se documentar os aspectos únicos de cada um desses três processos e suas inter-relações. Por exemplo, cada momento de condução de um carro é socialmente situado pelo indivíduo tendo em conta o se e o como os pedestres e os outros motoristas vão ou não vão ver e responder a um sinal, a uma aceleração ou a uma mudança de caminho; O apreciar uma distância em constante mudança em relação ao ponto de origem e de destino, como por exemplo, ao se marcar uma rampa de saída, uma colina ou um edifício como uma assíntota que baliza o progresso na trajetória da viagem; E o incorporar o veículo como uma extensão inconsciente do corpo, que entrelaça o corpo e a paisagem da ação, e que configura a possível experiência de outro carro, muitos metros à frente, sendo *cortado* (Katz, 1999).

Histórias de casos de tiroteios em escolas e no local de trabalho, de atos terroristas, de tomadas de reféns, de violência de gangues e várias formas de crime de rua formam a base e vão ilustrar a pesquisa que a busca dessas três questões estabelece. A definição do *explanandum* é um *massacre íntimo*. A explicação do significado sequencial que um massacre íntimo tem para o ofensor (offender) é aquela de *passar um ponto de não retorno* em sua biografia. A minha hipótese de trabalho sobre o processo de interação é a de que o ofensor está tentando *destruir a sua personificação por outros*, ao contrário de criar um novo self. A dinâmica emocional que proponho é a de uma transformação *do caos privado para uma cristalização de emoções* na execução de uma narrativa sucinta, histriônica, pública e irreversível.

As vindicações que se seguem são esforços para compreender como as pessoas reciprocamente trabalham a si e aos outros até uma apreciação de uma espécie distinta da violência que eles acham atraente e que um dia eles tentam perceber. Nós não podemos saber quem vai tentar um massacre íntimo até que alguém tenha tentado. Mas, o fato de que uma forma de comportamento não tem predecessores não significa que todas as explicações dele devam ser circulares. A explicação causal pode ser retroativa, especificando o que terá ocorrido na condução de uma determinada instância (ver Lieberson e Lynn, 2002, protestando contra a visão de que *ciência* requer uma previsão prospectiva).

Assumindo que as pessoas não conseguem parar de construir sentidos, - com possíveis exceções criadas por práticas dedicadas de meditação, por alguns compromissos estéticos, por estágios sonolentos de dormir, e sobre o que alguns produtos químicos podem fazer à mente, - somos levados a começar a explicar qualquer forma distinta de comportamento com a pergunta: o que eles estão tentando fazer, agindo dessa forma? A consideração decisiva por trás dessa composição é a de que existe um significado coerente, embora incipiente, que conduzem muitos ataques nas escolas, nos locais de trabalho e no ambiente público, um significado que não é inteiramente inventado no momento, mas, construído ao longo do tempo. Podemos procurar a história natural dessa forma de vida social, assim como qualquer outra.

### **As ações sequenciais indicam um ponto projetado de não retorno**

Ao comparar várias formas de violência, podemos perguntar como o atacante, em cada circunstância, situa biograficamente o significado do seu ato. O que o evento significa para ele como uma fase que liga o seu passado (raramente dela) ao futuro? Vários detalhes indicam que aqueles que tentam cometer massacres íntimos estão buscando um ponto de não retorno. O que eles estão tentando fazer é conseguir uma transformação irreversível da identidade, negando o seu passado de uma maneira indescritível, sem apontar de forma coerente ou de uma maneira facilmente interpretável uma direção ao futuro

Os massacres íntimos estão focados em um ambiente no qual o atacante teve, ou imagina ter tido um envolvimento profundamente pessoal. Estes ataques não são aleatórios na escolha do local ou da população alvo. Eles são ataques a um lugar que, segundo o infrator, abriga uma versão de sua identidade, mesmo que ele não esteja lá há muito tempo. No local, o atacante pode ter sido um estudante, um trabalhador ou um cliente.

Os massacres íntimos podem atingir indivíduos específicos que ofendem, intimidam ou abusam do ofensor, mas esses não são seus únicos alvos. Em contraste, quando os atacantes buscam vingança, eles se concentram em outros específicos e em ofensas significativas. Os ataques de vingança procuram redefinir o passado como um meio de delinear um futuro, lugar onde suas contas serão resolvidas, e o vingador não será mais visto como vulnerável (punk, lixo, inócuo); mas, agora temido, e pronto para começar uma nova fase da vida socialmente fundamentada. Aqueles que atiraram de forma aleatória e orientados a estranhos, junto com pessoas que consideram como inimigas pessoais afrouxam a ligação entre o seu passado e o seu futuro.

Os vingadores sabem que não têm garantias de que as suas contas irão se resolver. Em escolas, prisões, bairros de gangues ou em regiões dominadas por clãs, aqueles que procuram vingança sabem que devem correr o risco de mais uma rodada de ataques, que exigem mais uma rodada de vingança. Os punks e os valentões estão mutuamente implicados, muitas vezes alternando as identidades. Os vingadores podem esperar, mas não podem almejar que o seu ataque se torne um ponto de não retorno.

A vingança é uma aposta de alto risco em um futuro a ser vivido em um autorressuscitamento de um futuro que havia sido diminuído no passado. A falha é possível de muitas maneiras: bater na vítima errada, faltar ou minimamente prejudicar e assim deixar a vítima capaz de reagir imediatamente, evocando ataques subsequentes e devastadores dos seus associados. Aqueles que tentam massacres íntimos não correrão esses riscos.

Por mais ultrajantes e ousadas que possam parecer as suas ações, em comparação com outras formas de violência, e mesmo em comparação com os seus pares não violentos que medem o sucesso através de autorreflexões sobre as interações diárias, os atacantes que praticam massacres íntimos se recusam a apostar no futuro. Uma vez que o atacante tem um grande plano, que pode se desenvolver muito antes do evento, ele pode desconsiderar as interações do dia a dia como muito insignificantes para se tornarem humilhantes. E, uma vez lançado, o ataque atinge o sucesso, em que o sucesso é definido como o passar um ponto de não retorno, independentemente da magnitude do dano produzido e independentemente das identidades específicas das vítimas. O ataque garante que o futuro do assaltante não vai repetir o seu passado, qualquer que seja o resultado imediato.

Enquanto o público diferencia entre assaltos que prejudicam dúzias versus aqueles que prejudicam poucos, e os meios de comunicação, nos casos mais espetaculares, detalham as identidades de cada vítima, não há evidência de que aqueles que tentam assassinar inúmeros colegas de escola, de trabalho ou outros calculam o seu sucesso nos números precisos fatalmente atingidos. Os atacantes da escola e do local de trabalho geram magnitudes de medo que são apenas relacionadas grosseiramente com medidas de resultados destrutivos. Como terroristas, o local escolhido constrói a importância do ataque.

Os ataques feitos para serem assistidos como parte de uma campanha de terror alterará permanentemente o como o atacante será visto pelos muitos outros. Mas, na mente do atacante são revelações, são provas de compromisso com uma versão do self que tem sido cultivada nos círculos sociais dos companheiros que cultivam caminhos ou

*viagens* semelhantes. Em contraste, aqueles que cometem massacres íntimos saltam para além do seu passado. Sozinhos ou, raramente, com um parceiro, o ataque quebra os vínculos com todos os associados anteriores, que ficam se perguntando como isso poderia ter ocorrido.

Os terroristas atacam alvos que se tornaram preciosos na sociologia popular. Pode ser a primeira vez que os atacantes estejam presentes no local do ataque, o que os terroristas apreciam quando estudam locais, de modo a não cometerem os erros logísticos em que comumente tropeçam os visitantes de primeira. Os alvos dos terroristas são as pessoas em lugares considerados icônicos da identidade comunitária: não só os jovens, mas o acampamento, visto como o lugar de socialização dos jovens em uma ideologia política que define a nação; os santuários honrados por peregrinações segundo calendários religiosos que, ironicamente, facilitam o planejamento de um ataque em massa; e o alto perfil dos edifícios financeiros que simbolizam o status dominante. O terrorista precisa ter foco sobre o ponto da ofensiva que busca atacar os fundamentos das crenças míticas das vítimas sobre o que os sustenta como uma sociedade. Religiosos ou seculares, os terroristas são iconoclastas que direcionam sua violência para declarar que os “seus deuses<sup>2</sup> servirão ao meu propósito”. Em seu planejamento estratégico, os terroristas se deleitam em sequestrar as futuras reflexões que, previsivelmente, serão vertidas pelos símbolos institucionalizados.

Como os terroristas, aqueles que agem sozinhos em suas ações de fazerem e manterem reféns não se concentra apenas no fim das identidades passadas, mas a sua orientação para o futuro é mais egoísta. Se os terroristas são altruístas em oferecer um futuro a outros, que eles negam a si mesmos, os tomadores de reféns normalmente procura chamar a atenção para um reclamo que desejam que se resolva a fim de criar uma nova base para suas vidas. Depois que a polícia dos EUA decidiu acabar com as políticas que priorizavam a intervenção da equipe SWAT, se tornou aparente que os reféns quase sempre podiam ser expulsos da situação sem prejudicar nem suas vítimas nem a si mesmos (Rogan e Lanceley, 2010). As negociações em situações de tomada de reféns se concentram em conectar o resultado da situação a temas anteriores e em andamento na vida do sequestrador.

Como nos massacres íntimos, os tomadores de reféns atingem estranhos em locais que muitas vezes têm sido significativos na biografia dos ofensores, e eles frequentemente começam a ação sem uma estratégia de pós-evento clara. Contudo, eles não estão comprometidos em abandonar suas vidas prévias: os tomadores de reféns podem antecipar a necessidade de se comunicar com os sequestrados e estão abertos a conversar com representantes da autoridade local. O tomador de reféns não está claramente buscando um evento que rompa com o passado, mas uma maneira de chegar a um futuro visionado através de um caminho que ele não sabe ou não pode manejar.

O ato terrorista é o primeiro para o atacante em um sentido espacial, mas não temporal. Os terroristas praticam ataques promulgatórios, mas não no lugar que será atacado. Eles ensaiam, mesmo com o adereço completo, mas não no palco do desempenho crítico.

Em contraste, em um massacre íntimo o atacante se monta no sentido temporal, mas em um lugar cujos espaços ele atravessou muitas vezes. Se a escola que ele frequentou, o negócio em que ele trabalhou, ou o shopping que ele frequentou está fechado naquele dia, se a sala de cinema não está mostrando o drama que faz de sua fantasia uma parte apropriada do ato, eles não escolhem uma alternativa, como poderiam fazer os terroristas, os homens jovens à procura de uma luta (Jackson-Jacobs,

---

<sup>2</sup>A expressão *seus deuses*, quer informar sobre os símbolos míticos da cultura sob ataque. [Nota do Tradutor].

2013), ou os ladrões de uma loja de conveniência. Nossa dificuldade em entender os massacres íntimos, em parte, vem da perspectiva narcisista do atacante de um lugar como uma espécie de reflexo de sua identidade, mesmo quando todo mundo vê o local como mundano ou importante apenas em fantasias de quadrinhos.

Embora sejam ataques únicos, os massacres íntimos não são surtos espontâneos. Por um lado, exigem preparação no planejamento e coleta de instrumentos de violência. Por outro, o projeto é antecipado como uma exibição. Em alguns casos, os atacantes trazem várias armas, indicando a expectativa de que o drama não seguirá simplesmente um roteiro promulgado, mas uma improvisação.

Os atacantes que tentam empreender um massacre íntimo geralmente não cometem o ato como um passo progressivo de uma série de ataques anteriores, individualmente direcionados a pessoas no local do ataque. Os atacantes emergem de modo repentino e embaraçoso, às vezes intimidando relacionamentos anteriores com algumas das vítimas, mas, no ato, eles saltam além dos seus relacionamentos anteriores. A este respeito, eles se contrapõem ao padrão muito mais comum de violência juvenil em bairros de baixa renda, onde os tiroteios são compreensíveis por referência a uma série de atos violentos anteriores e intimidações. Em contraste com a violência doméstica e de pares, os massacres íntimos transmitem um mistério sobre as motivações que não devem ser apreendidas como um fracasso de compreensão por parte dos outros, - família, pares, administradores escolares, empregadores, analistas de pesquisa, - mas, como parte do objetivo do ato.

Os massacres íntimos se multiplicam intimamente. O ataque faz uso de um conhecimento detalhado do local-alvo. O ataque também é íntimo em seu desperdício. Ao deixar de lado os custos para as vítimas, ao considerar o ato apenas do ponto de vista do intérprete, o massacre íntimo é uma produção muito curta de um desempenho que é projetado para um determinado teatro. O treinamento terrorista é feito como teatro de verão, em áreas baratas, rurais, em barracas, senão celeiros; e os graduados podem então ser disseminados em uma cadeia mundial de estágios icônicos. Para suas economias de produção e distribuição, os campos de treinamento de terroristas são instituições atraentes para contribuintes caritativos, que de fato estão pré-comprando ingressos para assistir a uma série de produções que serão exibidas em um calendário ainda não especificado. Porém, quem além do atacante iria investir em uma única escola ou tiro ao local de trabalho?

Em outro nível de intimidade, os tiroteios nas escolas e nos locais de trabalho têm significados muito próximos. Os atacantes mais jovens podem pensar em termos de "agora eles vão se arrepender do que me fizeram". Os assaltantes mais velhos são mais propensos a apreciar a profundidade psicológica da investigação que um ataque em massa vai estimular. Os pesquisadores, - incapazes de obter informações do atacante porque ele está morto, falando de forma incoerente ou, de outra forma, inacessíveis para entrevista, - irão, do mesmo modo que o pessoal da mídia, entrar em contato com qualquer conhecido que possa estar disponível. Dado que os membros da família são muitas vezes também inacessíveis, a procura de informantes é suscetível de percorrer o ambiente da comunidade. Como aqueles que estavam mais próximos do atacante tendem a permanecer em silêncio, e como aqueles que falam tendem a ter ficado distantes do ofensor, os inquiridos tendem a um retrato do indivíduo como tendo tido apenas relações fugazes. E até mesmo as pessoas do lugar atacado - colegas de trabalho, colegas de classe, alunos, professores - podem dar um retrato arredondado do atacante, o efeito geralmente é o de enquadrar um enigma.

Em um quarto nível de intimidade, os massacres íntimos são muitas vezes o final de longas querelas. Os massacres íntimos não são respostas rápidas, em relação aos

ataques violentos mais típicos, que ocorrem quando as relações domésticas, de convívio, de roubo ou de drogas se tornam competições de caráter. Para as vítimas eles saem do nada, mas para os atacantes os ataques culminam estágios de engajamento de pré-assaltos.

Muitas vezes, em privado, o atacante joga com símbolos de medo, tentando intimidar identidades através de interações impessoalizadas, como uma espécie de avatar disfarçado, e em interações on-line. Em outra fase de preparação, antes do ataque, o atacante deve coletar as armas para o assalto. Isto é especialmente verdadeiro para os atacantes com idade inferior a 18 anos que não têm armas de pleno direito à mão. O jogo com jogos violentos e a aquisição de armas se fundem no tema da missão que é comumente usado para estruturar as narrativas de jogo. Ao continuar uma tradição que remonta pelo menos ao mito de *Perseu*, o herói adquire os poderes fantásticos que fazem o ataque parecer possível. Estes, se não foram dados na concepção (*Hercules*) ou por um desastre na primeira infância (*Superman*), eles devem ser obtidos através de ações estratégicas arriscadas. Para os adolescentes, a obtenção de armas exigirá, muitas vezes, enganar adultos, invadindo locais seguros e superando os desafios de transportar o equipamento de forma a evitar a detecção.

A missão geralmente produz dispositivos que suportam cenários alternativos. Jovens atacantes às vezes carregam armas múltiplas e munição extensa, tudo o que eles não podem empregar. A fase de preparação secreta significa que quando o ataque se tornar um evento, terá um significado privado como a realização bem-sucedida de certos pré-estágios e um descarte do valor dos outros. Apenas o James Bond começa a usar todo o equipamento especial preparado para ele. Em assaltos em massa, o atacante normalmente realiza um ponto de não retorno, em que muitos de seus preparativos são deixados de lado, para nunca mais serem acessados.

Para apreciar o significado dos massacres íntimos como um ponto de não retorno é útil considerar como vidas são conduzidas de tal forma que evitam momentos fatais. A vida parece cheia de possibilidades quando se pode olhar para trás sobre os esforços e as relações pessoais que foram salientes por um tempo e depois abandonadas, e reengajá-las como recursos em uma nova fase, anteriormente inesperada, de desenvolvimento pessoal. Depois de dez anos de luta para ser um ator, as aulas de karatê, pagas pelos pais na adolescência, se tornam a base para o desenvolvimento de uma nova linha de trabalho. Novos relacionamentos românticos podem ser iniciados voltando-se para o bairro, para a escola, para as relações religiosas ou para o trabalho-base que não tenham sido continuamente sustentadas. Um etnógrafo pode gravar e reservar notas de campo, apenas para se dar conta de sua utilidade mais tarde, quando envolvidos em um novo projeto de escrita. Quando as pessoas estão conscientes de que, para se reinventarem, possuem recursos adquiridos anteriormente, mas que ainda se encontram inexplorados, mesmo novos empreendimentos fracassados não precisam se tornar pontos de não retorno porque, nas relações desenvolvidas e no conhecimento social adquirido, prometem se tornar recursos para novos começos, embora de maneiras ainda não especificáveis.

É surpreendente que os atacantes que tentam cometer massacres íntimos se aproveitem de tão pouco do seu passado como recursos para o projeto de violência. Isto é verdade não só para os jovens atiradores da escola, que, quando *puxam* em pares, colaboram com os associados recentes. Mas, também, é o caso dos atiradores universitários e dos atacantes no local de trabalho. Eles se baseiam no que está à mão: os lugares que estão ocupando ou os que deixaram recentemente; a retórica que circula, no momento, na cultura popular; e as armas com as quais são pouco familiarizados. Os massacres íntimos representam pontos de não retorno, não só como uma questão

emocional, não apenas por causa de como a polícia e a comunidade responderão após o evento, mas, porque, como questão prática, eles alcançam apenas de forma superficial os antecedentes do atacante. Esses atos de violência fecham, ao invés de abrir, possibilidades.

### **Por que um massacre? Local e pessoa em uma identidade esfoliada**

Considerado como a inserção de uma fase em uma biografia, o projeto prático de um massacre íntimo é conseguir um ponto de não retorno. O atacante abandona a sua identidade anterior de uma maneira que não está mais sujeita à ressurreição. Mas, se o significado íntimo é essencial, por que é necessário massacrar? Mesmo se não fará ataques em nenhum outro lugar, por que não direcionar apenas às vítimas específicas que estão no lugar excepcionalmente significativo?

Para entender a dimensão imprecisa do dano que motiva o projeto do atacante, é necessário analisar a perspectiva distintiva dos atacantes sobre a interação social. Aqui, precisamos de uma breve discussão sobre a natureza da identidade individual como uma laminação existencialmente problemática. Para qualquer um, as camadas na laminação em curso da identidade surgem de interrelações constantemente dinâmicas.

A identidade individual é formada e constantemente reformada na relação entre *selves*, ou entre quem está nas ações de alguém para com os outros e a pessoa, ou quem está nas ações dos outros em relação a si mesmo (Erikson, 1957; Goffman, 1971, p. 335-379). A laminação do self e da pessoa nunca é perfeita, nunca se encontra finalmente formada. Às vezes, algo ou alguém são tratados como irrealisticamente competentes. Isso é crítico para a aquisição da linguagem: a mãe responde aos enunciados audíveis do recém-nascido como se fossem formas competentes de fala; a criança aprende a complementar uma identidade da qual a criança é otimisticamente tratada como já a possuindo; a língua é aprendida sem que o noviço experimente as dúvidas sobre a capacidade de aprender que afligem os adultos que adquirem competência em uma segunda língua. Às vezes, as expectativas são inocentemente estabelecidas em pessoas que não estão preparadas para cumprir tais expectativas. Quando os professores se dirigem aos alunos como *Senhor X* ou *Senhora Y*, muitos sentirão que estão sendo chamados de mundos adolescentes, nos quais são conhecidos por nomes próprios ou por apelidos, para apresentações de estilo adulto, no qual podem se sentir despreparados para promulgar com a combinação esperada de gravidade e graça.

Ninguém simplesmente *possui* uma identidade suavemente laminada. Para todos, em alguns momentos, a identidade se torna esfoliada. A experiência pode ser inofensiva, como o é para as pessoas que, sem o benefício do telefone móvel, falam em público para outros *ninguéns* que podem ouvir ou ver. Essas pessoas não são tão diferentes. Todo mundo cultiva e até mesmo inventa outros que evocam e complementam *selves* que desejam representar. Pode ser um animal de estimação que responde ao retorno do proprietário da casa, com o que é interpretado como prazer. Pode ser também o uso de *software* que aprende os erros típicos e corrige erros de digitação e erros ortográficos sem perguntar se a assistência é desejada, e nunca exigirá crédito por qualquer resposta positiva que se receba por *boa escrita*. Pode ser ainda o vestuário que transmite aos estranhos uma forma mais atraente do que se pensa que seria observado se o que está dentro pudesse ser visto, ou outras mais. Todo mundo confia em tais fraudes.

Os atacantes empenhados em realizar massacres íntimos estão orientados a negar um lado específico da sua identidade. Eles procuram destruir a maneira como foram personificados sem desenvolver um self que transcenda o evento, e traem um curso de

conduta que eles possam, mais tarde, decretar. O que deve ser destruído não é o self prévio e nem toda a identidade, mas apenas a pessoa que os outros assumiram como sendo ele próprio. O projeto é, em sua essência, uma forma comprometida de suicídio.

Agora podemos começar a ver a lógica de se procurar realizar um massacre. Esse projeto faz sentido quando uma personificação intolerável tornou-se parte de um lugar persistente. Onde isso acontece, e como?

As escolas são lugares poderosos que conferem identidade. Suas justificativas pedagógicas falam em cultivar talentos e no amor pela aprendizagem: ou seja, mudar o indivíduo de dentro para fora. Mas suas táticas trabalham de fora para dentro.

De certa forma, não é misterioso o porquê alguém deveria atacar promiscuamente a população de uma escola, a fim de negar a maneira que sente que o lugar o tem personificado, do que compreender como as realizações das equipes de uma escola poderia ser celebrada com profunda paixão pelo *corpo estudantil*. Para um atirador em uma escola, as indignidades sofridas nas mãos de alguns poucos são sentidas como representando o conjunto de como todos o vêem. Em relação ao desempenho escolar, as realizações pessoais de alguns poucos são tomadas despidoradamente para personificá-lo como fazem todos os outros membros escola. Igualmente surpreendente, as vitórias de uma equipe escolar não lançam nenhuma luz orgulhosa sobre qualquer pessoa afiliada a outras escolas. Estar no local personifica os alunos nas escolas de equipes vencedoras, apenas por ter o direito formal de estar lá.

As escolas primárias e secundárias, as universidades e os locais de trabalho não são *instituições totais*, porque os membros saem à noite e se retiram nos fins de semana. Ainda assim, tais organizações geralmente vão além das estreitas relações funcionais e procuram caracterizar os membros moralmente. Nem todos os lugares o fazem. Mesmo entre as escolas, podemos distinguir entre aquelas que colocam identidades nos alunos em profunda e precisa diferenciação versus as que o fazem de maneira superficial e grosseira.

Escolas de condução, institutos de cosméticos, faculdades de barbeiro, aulas de natação, cursos de extensão em bonsai e jardinagem, e assim por diante, não costumam cantar o hino nacional, levantar e abaixar a bandeira, o que, em um cronograma formal, exigem promessas de lealdade ou a manter registros históricos de como as suas equipes de esportes se saíram. Os estudantes em tais lugares são muitas vezes classificados, não finamente, mas de forma binária: passar ou falhar, grau obtido ou não. Os alunos de escolas técnicas frequentemente são avaliados, se é que são, por alguma outra instituição, que os contrata ou não, ou que lhes concede ou não uma licença.

As escolas primárias, as escolas secundárias e as universidades diferenciam os alunos com maior precisão, até mesmo com várias casas decimais. Além disso, essas organizações educacionais são criadas e mantidas de maneira que os ligam à comunidade. Não é irracional para os alunos compreender emocionalmente que os ataques pessoais a eles dirigidos e os julgamentos de baixo desempenho acadêmico os atingem em profundidade e selam a sua própria identidade aos olhos da comunidade como um todo.

O objetivo da violência indiscriminada é reverter a lógica social da instituição atacada. Os comentaristas e pesquisadores negligenciam a natureza difusa do ataque quando enfatizam o *bullying* ao fundo dos tiroteios em escolas. Não só *bullying* não consegue fazer sentido em relação à indiferente escolha das vítimas, como, em alguns casos, eram os atacantes que foram os valentões (*bullies*). Em outros casos, não há história pessoal que se encaixaria no cenário de intimidação. Mais ao ponto, onde os atacantes haviam sido intimidados, pode ser – e isso nunca é considerado, ou pelo menos, admitido – que os pares tenham percebido uma inclinação inquietante que já

estava presente, e que o *bullying* pode suprimir mais frequentemente do que exacerbar. Em suma, o *bullying* pode ter servido como catalisador, contudo, a provocação não estava enraizada no *bullying*, mas, na compreensão do indivíduo de como ele é personificado na cultura de pares.

Quando a explicação se concentra na identidade das vítimas, no que elas podem ter feito ao ofensor, ou na raiva presumida do atacante, o passo analítico que falta é o do alojamento da identidade ao lugar. A aleatoriedade do assaltante na seleção de vítimas se torna explicável quando percebemos que as vítimas estão sendo atacadas em virtude de sua conexão com o lugar. Qualquer pessoa nas instalações durante o ataque se torna vulnerável.

Por mais bizarra que pareça ser inicialmente essa psicologia, a inserção da identidade ao lugar é uma característica rotineira da vida social cotidiana. Há fofocas tanto em ambientes de adolescentes como em ambientes de trabalho para adultos. Embora não sejam eternas, as difamações sustentadas por fofocas têm uma vida transcoorte que mantém as reputações vivas em um lugar, mesmo quando alguns difamadores fecham um ciclo e outros adentram. Na maioria dos locais de trabalho, a tomada de decisão é difusa e difícil de identificar os funcionários específicos que, todos sabem, são apenas os porta-vozes para aqueles que exercem o poder em posições mais isoladas. Quem se deve matar após uma negação de posse? As regras de confidencialidade prejudicam o conhecimento dos inimigos mais dedicados com certeza. Faz bom sentido sociológico atacar todos no departamento.

Os massacres íntimos, desta forma, são tentativas de negar uma negação. Nesse sentido, eles não são simplesmente nihilistas. Eles também são autodestrutivos, meio suicídio, que suprime qualquer possibilidade de construção de uma identidade futura. Os atacantes normalmente fazem pouco ou nenhum esforço para escapar, ao contrário dos terroristas, que se veem como parte de uma rede que vai dar continuidade as suas reivindicações depois que se forem. Cada vez mais, porém, os atiradores escolares fazem referência a outros atiradores escolares nos escritos que deixam e nos *sites* que visitaram. Contudo, - e aqui podemos distinguir atacantes como Breivik, que emitiu um manifesto se alinhando com um partido anti-imigrante e anti-esquerda, - só há muito pouco tempo eles começaram a disponibilizar algo para mostrar que os seus ataques são uma contribuição para uma causa.

Nem a sua pesquisa sobre outros atos semelhantes pode ser compreendida como uma questão de *imitação* ou de buscar *scripts* (ver DeJong et al., 2003, p. 97). O *modus operandi* em cada escola e em cada tiroteio no local de trabalho é único. A prática de consultar o que os outros fizeram pode ser melhor compreendida como uma forma de se familiarizar com o gênero. Como alguns cineastas contemporâneos tal como, por exemplo, Quentin Tarantino e pintores, como por exemplo, Kehinde Wiley, os assaltantes que fazem massacres íntimos muitas vezes se referem abertamente a obras cognatas e de mestres passados, mas não para fazer a mesma afirmação, mas não como uma imitação indolente, servil ou fraca, porém, como um recurso narrativo para uma expressão única. Usando um gênero identificável, o autor pode razoavelmente antecipar o como os observadores do ato o entenderão. O tiroteio se torna *outro Columbine* e, assim, consegue eficácia mesmo se, ao contrário de Columbine, for um esforço solo e, até mesmo, se relativamente poucos forem os mortos.

O projeto do atacante é o de associar uma grande eficácia a si mesmo. Uma manifestação de eficácia é o único aspecto da autoconstrução que percorre os casos. Aqui está a chave para explicar por que os massacres íntimos, como tantas outras formas de violência não provocada, são sedutores, - quase que exclusivamente, - para os jovens machos pós-púberes. Como metáfora sexual, a masculinidade é, no sentido mais

primordial, indiscutivelmente estabelecida por uma interjeição explosiva que reestrutura irreversivelmente o mundo de outrem. O atacante, inspirado por uma compreensão erotizada e metaforicamente fértil do fato biológico, é atraído para penetrações súbitas nos mundos de outros, penetrações que podem produzir uma prova objetiva de eficácia, sem a necessidade de negociar o consentimento, e sem a necessidade de se preocupar ou cuidar das consequências. Os massacres íntimos se enquadram em uma gama semiótica de atos de violência sem ganho contra estranhos, que atestam uma sensibilidade ao mesmo tempo brutal e poética.

Que o atacante tenha limitado o seu projeto dramático a destruir uma personificação é evidente não só na ausência de um plano de fuga fundamentado, mas, também, na ausência relacionada de planos realistas para ações subseqüentes do mesmo tipo. Um assaltante serial como Ted Kaczynski era um tipo diferente de atacante de escola. Ele enviou cartas-bomba para alvos universitários que trabalhavam em seu campo de ciências. Kaczynski trabalhou sozinho e incógnito, e teve sucesso por um longo período de tempo. O seu *modus operandi* chegou a ir fundo em seu passado, e cada ataque privadamente refletiu a sua sofisticação de nível PhD.

Não há escassez de gêneros alternativos disponíveis para, - e perdidos por, - aqueles que cometeram massacres íntimos. Pode-se dizer que um gênero muito mais frio, autoindicando uma competência profunda para o planejamento e controle, foi empregado pelos atiradores de Beltway, uma equipe composta por um homem mais velho e um jovem companheiro (John Allen Muhammad e Lee Boyd Malvo), que mataram dezessete estranhos, empregando, principalmente, tiros únicos feitos à distância. Contudo, se uma série de incidentes únicos serve para somar os níveis de massacre que podem ser alcançados instantaneamente nos tiroteios em escolas e locais de trabalho, o atacante neles deveria desenvolver um novo self assassino durante um período prolongado de tempo.

Os massacres íntimos são autodestrutivos. Se a vida do atacante continua e é examinada em relação ao significado do ataque, o massacre se torna inútil, se torna absurdo ou, em certo sentido, uma piada. Ao se conceber como um Rambo, o que é mais provável com atacantes mais jovens, ou como uma figura trágica, o que é mais provável com atacantes mais velhos, eles não moldam os massacres íntimos como um passo em direção a um futuro previsto no mundo mundano (Newman, 2013, p. 67-68). São incapazes de se verem no futuro, e com tal, os assaltantes podem apreciar as dimensões autodestrutivas e autoimutáveis do ato. Alguns, brincando com um companheiro co-assaltante, ou, até mesmo, rindo do seu caminho através dele.

Podemos contrastar as implicações temporais de diferentes cursos de ação violenta. Em um extremo, uma intervenção inicial relativamente modesta na vida de uma vítima compromete-se com uma intervenção mais destrutiva, o que, por sua vez, provoca desafios para uma violação ainda mais nociva, que se torna, então, em uma situação em que o assassinato faz sentido. Um ladrão autoconcebido entra em um estacionamento com o pensamento de tirar alguma propriedade de um carro, um rádio, por exemplo. Na ação ele encontra uma motorista recuperando as chaves de uma bolsa. Ao encontrar os meios para roubar o carro, inesperadamente à mão, ele segue. Para evitar fazer uma cena e deixar uma testemunha, ele também leva a motorista. Ao evitar, com sucesso, a suspeita ao sair do parque de estacionamento - as fotografias da câmera de segurança o mostram no banco do passageiro e a vítima dirigindo sem medo óbvio em sua expressão - eles vão para um local isolado onde o ladrão pode descobrir o que deve fazer em sequência. Uma vez lá, a oportunidade de estupro torna-se irresistível: já havendo a ação do sequestro, a violação acrescentará culpabilidade adicional mínima. No silêncio frio que se segue, ele percebe o valor, muito maior, de eliminar a

testemunha-vítima. Esta sequência – um roubo de rádio se torna roubo de carro, que se torna sequestro, que se torna estupro e, por fim, em assassinato - descreve uma progressão em direção a uma identidade cada vez mais violenta.

No extremo oposto da escala, um crime inicial culminará com a vida que a antecede. Depois que o assaltante atirou em várias vítimas passivas em um lugar precioso como uma escola primária, qualquer ação subsequente - uma fuga, uma batalha com profissionais armados, o roubo de um carro para a fuga, um ataque a uma testemunha potencial - só pode prejudicar. A realização já foi feita, e qualquer um destes passos subsequentes pode estragá-la. O ataque inicial é tão extraordinariamente terrível que define um self que não pode ser transcendido. Seria preciso uma grande ajuda, digamos, por exemplo, de uma rede terrorista, para traçar um futuro no qual tal ataque poderia levar a um futuro ainda mais glorioso.

Melhor parar então e neste momento. Terminar o curso da violência no massacre irá, no atual sentido coloquial da frase, explodir (inflar) o self que tinha até então sido vivido, elevando o ataque à magnitude de um grande mistério. Agora, como a vida passada de alguém deriva sempre em uma revisão meticulosa, os preparativos escondidos emergirão. Sem uma declaração clara da motivação por trás do ato, sem notas rabiscadas e atividades na *web*, se terá que se procurar por pistas. Torna-se claro que muitos outros foram enganados: estes muitos outros não tinham idéia. Em algum lugar da biografia do pré-evento se localiza a lógica da conversão reflexiva, quantitativo-qualitativa, emocional, com que os atacantes nos massacres íntimos compartilham com os terroristas: “a extensão da destruição que causei mede a profundidade do dano que você infligi a mim”. Na medida em que um futuro self está sendo sacrificado, o self no passado se torna mais profundo: “agora eles vão ouvir, e ouvir com força”. Em sua forma mais grandiosa, a violência é paradoxalmente truncada, enigmática, muda: “eles terão que se esforçar para ouvir”.

Os massacres íntimos são, em primeira instância, assassinatos de um dos lados de uma identidade social, sobre como alguém foi visto pelos outros. Especialmente para os assaltantes mais velhos, os ataques ao local de trabalho são maneiras de tornar o suicídio respeitável. O self é sacrificado, não como uma confissão de fracasso, mas como o custo patético de acabar com um tratamento injusto.

Do ponto de vista do assaltante, o pior resultado seria o de entregar a definição de sua vida a outros narradores, que inevitavelmente sublinhariam as perspectivas humilhantes sobre a sua vida antes do ataque, aspectos estes que ele tenta escapar. É por isso que faz sentido o ato de destruir provas que outro narrador poderia usar, antes de se chegar ao local do ataque. Jovens es podem achar necessário matar o narrador mais poderoso, inclusive, aquele que previsivelmente seria o primeiro a ser consultado em busca de uma explicação. O ato, e não a mãe, deve ter a palavra final.

### **Do caos à cristalização**

A escola e os tiroteios no local de trabalho são previsivelmente vistos como o resultado de uma doença mental. Mas, mesmo se a insanidade for a causa, a causa desta insanidade, provavelmente, reside no passado longo do atacante. Temos de procurar uma causa discriminadora, o que nos leva a procurar a atração que faz os massacres íntimos convincentes para os possíveis assaltantes no evento. Os riscos de rótulo de insanidade atravessam os padrões de fiscalização que permeiam os casos. Mesmo que o evento se torne atraente através de reflexões narcisistas criativas que escaparão a todos, há indicadores de uma motivação comum que animam atacantes diversos e desconectados.

Um ponto de partida para penetrar nas atrações emocionais dos massacres íntimos é o fato de que eles dão, pelo menos, um sentido momentâneo aos assaltantes de uma maneira que não o fazem a ninguém mais. Esse não é o caso do típico homicídio criminal, que depende da motivação de um acordo entre os litigantes de que algo de terrivelmente importante está em jogo, se o consenso é sobre a honra pessoal, a própria integridade física (quando os assassinatos emergem das lutas), dos mercados de contrabando, ou sobre a lealdade aos associados. O terrorismo também é colaborativo a este respeito. Não é especialmente criativo para um terrorista atacar a Maratona de Boston, o World Trade Center, ou o edifício principal do governo federal em Oklahoma City. Os terroristas contam com os ícones institucionalizados de identidade comunitária. Os massacres íntimos nas escolas e nos locais de trabalho dependem em parte dos pressupostos comuns de que o local de ataque é crítico para a identidade coletiva, mas, também, dependem de significados mais idiossincráticos que dão relevância pessoal ao lugar atacado.

Muitas vezes, no fundo próximo, há um dano catalítico à dignidade do assaltante. Um aluno recebe notas baixas ou é retirado da universidade. Uma namorada acaba a relação que estava viva, embora viva mais na mente do atacante do que na dela. Um trabalhador sabe que está sendo chamado para ser demitido. Um assediador (*stalker*) recebe a notificação de uma injunção. Estas são pistas valiosas. Podemos entender que a pessoa rejeitada<sup>3</sup> - está em um momento de *agora ou nunca* em suas lutas pessoais. Colocado de forma mais positiva, o atacante aceita a rejeição como uma confirmação do que está em jogo: finalmente, os outros colaboram para dizer que algo agora deve ser feito, transmitindo a mensagem: “você está em um ponto de virada”. Contudo, se a presença comum de catalisadores não pode ser ignorada, estes só intensificam o mistério sobre o contexto emocional em que eventos, não raros, podem levar a violência extraordinária.

Considere a diferença entre se introduzir em uma situação já violenta e introduzir a violência em uma situação, entre entrar em uma situação caótica e trazer o caos. Nos EUA, a polícia costuma praticar violência em situações que já estão confusas, muitas vezes, já violentas. Como Egon Bittner (1979) concluiu em seus estudos sobre os patrulheiros, o papel essencial e distintivo da polícia é o de impor ordem ao caos situacional, por exemplo, quando chamado a entrar em situações de conflito doméstico, quando o comportamento na linha de patinagem se torna ameaçador demais para ser ignorado, quando *brigas de barulho* levam espectadores a chamar a polícia. A polícia é a única instituição na sociedade ocidental contemporânea que está autorizada a usar a força para insistir em que as objeções sejam adiadas para um momento posterior e para outro lugar: “diga ao juiz”. Para colocar essa assertiva em outra forma coloquial, a polícia pode, legalmente, fazer as pessoas *se calarem*.

Em contraste, os assaltantes começam os seus massacres íntimos com planos pré-fabricados para criar o caos em ambientes tranquilos e, em seguida, para impor a ordem através da violência. Eles trazem um armamento específico, que normalmente não carregam, e eles chegam com, pelo menos, os quadros inicialmente definidos de um *script de ação* que controlaria o que vai se desenrolar. Que o que se segue seja de fato caótico é outra questão. As ações terroristas, às vezes, atingem os seus objetivos pré-formulados de uma forma mais ou menos precisa. Os atiradores em uma escola e em um local de trabalho quase nunca o fazem. Ainda assim, o que precisamos entender é como essas ações começam e depois se desenvolvem. O assaltante transforma a sua identidade, na situação de ataque, ao criar e depois transformar o caos.

---

<sup>3</sup>Ver, Katherine Newman e Cybelle Fox (2009), que rejeitam o termo "solitário", e escrevem sobre "juntadores abortados".

A expectativa de controlar o caos deve ser entendida dentro da trajetória biográfica mais longa, a partir da qual o ataque emerge. Nessa perspectiva mais longa, o assalto insurge de um caos com o qual o assaltante vinha lutando em praticamente todas as suas outras relações sociais, mesmo antes de qualquer rejeição específica que pudesse ser vista como catalisadora.

O plano do assaltante é ambicioso. Ele realizaria a primeira promulgação de um roteiro de ação que nunca foi revisado por qualquer crítico, nunca foi dado um julgamento de campo, e muito menos um ensaio geral. O plano assume o desempenho responsivo competente de papéis por uma massa de vítimas cujo primeiro vislumbre do roteiro virá apenas quando a ação começar, e provavelmente *ad lib*<sup>4</sup>, e para a qual não serão motivados a honrar as intenções do autor e manter o programa. Por que alguém tentaria o que é<sup>5</sup> tão provável de que seja uma bagunça quando atualizado? Aqui podemos abancar uma visão chave da tradição fenomenológica pragmatista: cada curso de uma ação é uma solução proposta para um desafio que a anima. O que nós como pesquisadores podemos ver é o resultado de uma luta submersa com um problema, que os sentidos do ator<sup>6</sup> devem, mas não podem resolver de outra forma.

Dentro desta linha de pensamento chegamos à formulação de que o que o assaltante está tentando realizar em um massacre íntimo é cristalizar o caos em uma representação da ordem. A versão da ordem que esta forma de violência irá criar é previsivelmente breve. Os assaltantes não estão alheios às dificuldades de seu esforço: não há indícios de que imaginem que a ordem que impõem sobreviverá por muito tempo. A cristalização que o assaltante antecipa é como um pingente de gelo misteriosamente formado em um dia torridamente quente. Por um momento, o drama vai decretar e transcender o caos, invertendo o desafio que o autor/protagonista tem vivido. Conseguir esse momento extraordinário é suficiente. Em todos os casos de massacre íntimo que tenham sido estudados ou que tenham recebido ampla cobertura de notícias, há evidências de caos explícito nas relações sociais. Em todos os casos, há padrões de assaltantes que se adornam e brincam com símbolos que eram:

- Tomados por violentos, tais como *gótico* e modas necromânticas;
- Uma *bricolagem* retirada de ordens internamente mais coerentes, incluindo ordens satânicas, nazistas, de sobreviventes, de antigoverno patriótico e de movimentos de milícias. Isto é, massacres íntimos anteriores que se tornaram mais coerentes na nostalgia do que em sua ocorrência, o ramo antidiscriminação da sociedade civil;
- Tropos tirados de jogos de mídia virtual e de gêneros de música *pop*, cada um dos quais comemora a destruição e promete uma unidade transcendente, criando consistência estética sobre uma série de narrativas de concurso ou de canções.

É notável que os atiradores das escolas de nível universitário tenham sido desproporcionalmente imigrantes de primeira geração, cuja maneira de filtrar a cultura dos EUA os tenha golpeado de alguma forma. Através de todas as diferenças de idade, étnicas e semióticas no mundo dos que tentam massacres íntimos, encontramos evidências objetivas de caos hermenêutico.

<sup>4</sup>*Ad lib* abreviação do termo em latim *ad libitum*, que tem o significado de improvisação, ação sem qualquer preparação ou prática. [Nota do Tradutor].

<sup>5</sup>Em relação ao elaborado drama que é antecipado.

<sup>6</sup>Palavras como *estimativas*, *pensamentos*, *razões* seriam imprecisas.

Porém, por mais bem congelado que seja o caos, - o poeta, o pintor ou as imaginações míticas, - para o pesquisador social o conceito não dissipa a escuridão. Há muitos tipos de caos no cenário pessoal imediato e situacional da violência criminal. Há algo diferente sobre os sentimentos selvagens nos quais um massacre íntimo pode se transmutar, em um passo seguinte e próximo a uma resolução momentaneamente convincente?

Novamente é útil buscar pistas através da análise comparativa. O conceito de *vertigem* de David Matza é um dos poucos esforços sociológicos para entender a relação entre o tumulto psíquico e o comportamento desviante (Lemert, 1962; Matza, 1969). O conceito é ilustrado pelos desafios situacionais enfrentados por ex-condenados. Mesmo quando abertamente aceito como se comportando normalmente na vida cotidiana, o *ex-con*<sup>7</sup> (isto é, alguém que foi publicamente rotulado como desviante e, em seguida, oficialmente liberado) se esforça para aceitar o valor nominal de como ele é tratado. Pode parecer para um observador que, quando todo mundo no campo trata o *ex-con* como apenas um jogador, jogando beisebol, ele esteja sendo aceito. Entretanto, é o *apenas* na afirmação que é, ao mesmo tempo, o problema, e o problema é incontrolável porque é metafísico.

No entendimento do ex-con, quando os outros o tratam como fazendo parte de um jogo inconsequente, socializante, eles também o veem como não fazendo algo terrível. A visão, em sua opinião, é de que ele está agindo como um jogador de beisebol normal, a fim de mostrar que ele pode ser confiável. Ele não pode determinar se os outros estão observando o seu comportamento apenas no interior da hermenêutica do beisebol (fazer uma boa captura, cometer um erro, etc.) ou, igualmente, de uma forma indicativa de caráter. Ao ser este último, então ele está apenas *jogando bola*<sup>8</sup>: ele está mostrando que é alguém que pode ser confiável. Mas, se esse é o seu propósito, ele está jogando de uma forma covarde, está jogando apenas para contradizer uma visão humilhante de si mesmo. Vendo sua vida social cotidiana, de outro modo inconsequente, nesta maneira dualista e metafísica - como fazer isso também é um não fazer - ele não pode encontrar paz, mesmo quando sabe que o que está fazendo, quando feito por outros, é *apenas diversão*. Sua situação se torna uma espécie de loucura, ambígua, cada dia um pouco mais. A reincidência se coloca como um modo de resolver a ambiguidade e restaurar o autorrespeito.

Os problemas do ex-con na sociedade legítima não são os de simplesmente lidar com as rejeições baseadas no estigma. O problema mais intratável surge, especificamente, quando ele é tratado como *apropriado*. Para aqueles que tentam massacres íntimos, a situação é o oposto. Alguns foram publicamente estigmatizados, não como criminosos, mas, como fracos, estranhos, ou *maricas (fags)*. Mais comumente, se tornaram socialmente isolados: sem amigos ou apenas com amigos similarmente *estranhos*; rejeitados ou abandonados por parceiros românticos; negativamente revistos ou despedidos de postos de trabalho; suspensos ou expulsos da

<sup>7</sup>O termo *con* é uma abreviação da palavra *confiança*. A gíria *con* indica o jogo de confiança que se segue em um ambiente de *trapaça*, onde o que se informa não é necessariamente o que é, mas uma forma de ilusão entre o que pode ser e suas possibilidades de uso. Ver, a esse respeito, a tradução do artigo clássico de Erving Goffman, *Sobre o resfriamento do marca: alguns aspectos da adaptação ao fracasso* (publicada na *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 13, n. 39, p. 266- 283, dezembro de 2014). No caso deste artigo, a gíria *ex-con* é usada pelo autor de forma ambígua: o *ex-con* é a abreviação de *ex-condenados*, e brinca com a trapaça possível entre o ser ex-condenado, como alguém que cumpriu a pena e está integrado socialmente, e a tragédia da confiança e do se confiar que resulta do ser um *ex-con*. [Nota do Tradutor].

<sup>8</sup>*Jogar bola* é um coloquialismo americano que indica o diferencialmente *ir junto* com os outros, o brasileiríssimo *Maria vai com as outras*.

escola; rejeitados até mesmo por grupos de direita ou grupos de caras durões; estranho como imigrante, mas sem incorporação contínua em uma vida social ativa na comunidade natal de alguém, ou em uma rede de coetnias. Muitos já tinham experimentado, e abandonado, intervenções de saúde mental ou recebido tratamentos de drogas supervisionados.

Nossos sujeitos não se encaixam bem em uma caracterização do tipo frustração/agressão, que funciona melhor quando a agressão segue uma única negação, recusa, insulto ou chegada a um beco sem saída. As suas vidas de pré-assaltos melhor se encaixam em uma imagem de um giroscópio, de um contínuo girar na direção de um para outro esforço em busca de construir um self que recebesse uma acolhida constante no comportamento complementar dos outros. A vida pré-assalto do atacante mostra uma apreensão serial entre vários sistemas simbólicos, com o fim de localizar os contornos de uma identidade que poderia ser preenchida. Em contraste, quando um indivíduo se envolve de forma consistente com um sistema simbólico internamente coerente de uma determinada comunidade, em um período *ante-bellum* [*anterior à guerra*] prolongado, quando o ataque chegar, ele se encaixará melhor, destarte, na forma do terrorismo.

A vertigem do ex-con é uma questão metafísica, decorrente de um deslocamento para frente e para trás em aceitar vacilar e, em seguida, assistir o desrespeito minando da aparente aceitação. O caos por trás dos massacres íntimos é um assunto móvel, um resultado de giro entre situações, tentando e depois abandonando a integração. Para o ex-con, a rotulagem estigmatizada precede e desencadeia a paranóia, o que desestabiliza integrações suaves. Para os assaltantes que estamos tentando entender, uma identidade pública como estranha, impenetrável, solitária, desconforme ou mentalmente enferma cresce a partir de experiências repetidamente abortadas de se encaixarem.

Os *atiradores escolares* inserem arbitrariamente uma divisão de idade dentro de uma etiologia homogênea. Aqueles que são muito velhos para estarem na escola podem seguir o mesmo caminho do caos em seu local de trabalho, no aeroporto ou em um tiroteio de shopping. Entretanto, os ambientes de reputação provavelmente serão diferentes de acordo com a idade. As sociedades adolescentes no Ocidente têm categorias-padrão para classificar os pares *estranhos*. Depois do ensino médio, os indivíduos estão sob supervisão menos consistente: no trabalho e na vida cotidiana eles interagem com uma faixa etária mais ampla de outros desconectados. Os adultos são mais propensos a escapar completamente da rotulagem pública. Quando os massacres íntimos ocorrem nas universidades, os assaltantes muitas vezes terão escapado de qualquer reconhecimento comunal como diferentes. Mesmo se tiveram tratamento psicológico ou terapia medicamentosa, elas foram aplicadas em privado: mesmo se o fato do tratamento for amplamente conhecido, isso não vai distinguir o indivíduo de um grande número de seus pares.

No entanto, por que alguns indivíduos não conseguem fazer as conexões que os outros fazem? Qualquer que seja a resposta - se houver uma resposta - é instrutivo perguntar: dos muitos que também lutam com o caos, o que é diferente sobre os poucos que tomam o caminho de armar um massacre íntimo? Se para eles a violência é atraente como re-apresentando o caos por sua criação através da experiência dos outros, o mesmo é verdade para aqueles que viajam rotas muito mais comuns na violência. Deixe-nos tomar aqueles no caos como uma amostra, e através deles indagar sobre as contingências sociais que moldam os diferentes caminhos convincentes para a violência.

Nietzsche forneceu um caminho inestimável. Podemos caracterizar as pessoas como no caos, não invocando nossas noções de vida ordenada, mas baseadas no que elas experimentam. Seja na paranóia vertiginosa ou depois de passar de um noivado abortado a outro, o indivíduo percebe que a única consistência em sua vida é o caos,

uma espécie de loucura. Nietzsche entendeu que "o criminal" é uma saída para a loucura, por mais temporária que seja a escapada (a *viagem*) (Ver a discussão em Katz, 1988, p. 274-276).

O criminoso anseia abraçar a sua loucura, que é a sua identidade social no sentido mais profundo, seja por causa da instabilidade, da esquizofrenia em suas relações íntimas, como as de um racista *Catch 22* em sua biografia, seja por uma extraordinária má sorte ou por outra forma. O pensamento convencional vê o criminoso e, em seguida, olha para algo que saiu errado e que pode ser corrigido. Como as religiões (pelo menos o cristianismo) que sustentam a esperança da salvação, o pensamento convencional se recusa a parar a análise quando encontra o caos na vida de um indivíduo: insiste em perguntar "o que causou isso?" O criminoso, ao tentar entender e controlar o caos, também encontra o pensamento convencional à mão. Então, ele rouba para matar. Envergonhado de sua loucura - isto é, do caos que é a sua vida - ele tenta dar sentido a ela negando-a, e a usando como um instrumento que outros em geral entenderão como um objetivo razoável, se condenável.

Nós punimos ladrões, mas, geralmente, não os vemos como loucos. De fato, ao permitir que a *insanidade* seja uma defesa, quando julgamos as pessoas como criminosas, escolhemos vê-las como sãs. Os criminosos têm boas razões. Entendemos que a pobreza, a discriminação, a pressão dos pares, as tradições de vizinhança e assim por diante pressionam muitos rapazes a roubar. Estas causas se tornam bons guias para moldar programas de melhoria. Aqueles pegos usando violência para roubar serão punidos como ladrões. Nietzsche nos adverte, todavia, que eles estão roubando para ter uma cobertura respeitável por serem violentos. A respeitabilidade que alcançam é relativa ao que eles pareceriam ser, se abraçassem a sua loucura, o que fariam matando fora do contexto de um roubo.

Considere onde a violência juvenil é mais prevalente nos EUA. Não na pequena cidade e subúrbio, configurações relativamente ordenadas, onde quase todos os massacres íntimos ocorrem, mas, no centro da cidade, nos locais onde se estabelecem a população de minoria, e nas áreas de baixa renda. Nestes locais, as vidas caóticas são caracterizadas por pais ausentes, violência doméstica, insegurança sobre as necessidades cotidianas de abrigo e outras necessidades, atores de mudança rápida e imprevisível no ambiente doméstico, ameaças diárias de violência fatal de seus pares, desafios penetrantes à autoridade e classes desordenadas nas escolas (Pauille, 2013) e o envolvimento, em grande escala, em mercados subterrâneos e sujeitos às súbitas intervenções da autoridade policial, que colocam jovens em risco recorrente (Goffman, 2014). No entanto, não há praticamente nenhum caso de tiroteio, como o tiroteio em ambientes urbanos caóticos onde a violência criminal adolescente é alta.

Podemos compreender a ecologia social por trás da etiologia dos massacres íntimos se nos concentrarmos nas formas localmente disponíveis de dar sentido ao caos pessoalmente sofrido. Não é que a juventude em áreas sociais bem organizadas e de baixa criminalidade enfrente pressões especiais que criam a dinâmica emocional que leva aos massacres íntimos, mas que em tais comunidades os caóticos não encontram formas institucionalizadas de violência para mascarar a sua loucura. Um exame minucioso da violência nos círculos juvenis do interior da pobreza nas cidades dos EUA mostrará inúmeras razões racionais para a violência, mesmo quando, nos cálculos frios que vêm depois do fato, a violência também se mostra *sem sentido*.

A maior parte da violência armada no *gueto* é excessivamente determinada. Em qualquer incidente pode haver boas razões para se atirar em outro jovem sem provocação imediata, por causa de: rivalidades de gangues; insultos recebidos dias antes, que, se não rejeitados com violência, irá minar a reputação do atirador e levar a

insultos adicionais; autodefesa baseada em ameaças pessoais contínuas; resistência à execução de um pedido de reembolso de dívida; a utilidade de intimidar um potencial *dedo duro* (snitch); o valor de ganhar status atacando a vítima em nome de um terceiro que é vulnerável em qualquer dos motivos acima, e assim por diante (ver, por exemplo, Hagan et al., 2003). A interpretação convencional, feita rotineiramente por aqueles do próprio meio e por pesquisadores sociais que analisam o evento de longe, é que uma ou mais dessas razões deve ser a causa. A polícia geralmente fica confortável com a compreensão de que as afiliações de gangues do assaltante ou da vítima justificam uma caracterização de violência de gangues. Uma vez que um evento foi rotulado violência de gangues, a convenção é entender que a pessoa tem a explicação. Mas, para um jovem em uma vizinhança de pobreza urbana que está empenhada na violência como uma forma pessoal de dar sentido ao caos em sua vida emocional, uma quadrilha não é uma causa, é um veículo. As gangues estão onde esses jovens pertencem (Katz e Jackson-Jacobs, 2003).

Nos bairros com altos níveis de violência juvenil, os assaltantes não precisam cristalizar o caos em espetaculares ataques de massa. A violência juvenil, em tais contextos, surge rodeada de explicações causais. Ataques assassinos a outros, incluindo a estranhos, se tornam prismas através dos quais os observadores locais e os comentaristas intelectuais encontram todas as causas convencionalmente citadas de problemas sociais nos bairros urbanos de baixa renda e minorias.

Nas comunidades que parecem bem ordenadas, o caos privado experimentado não possui veículos institucionalizados de expressão. As taxas de criminalidade violenta são baixas, a frequência escolar é alta e a atividade de gangues de jovens é tolerada em formas de vestimentas e outras reivindicações simbólicas, mas não em violência. Em tais ajustes, o pessoal louco parece socialmente estranho.

Uma vez que tomamos o lado do assaltante e apreciamos o seu dilema de construção narrativa, podemos entender os massacres íntimos, pelo menos os tiroteios na escola, entre eles, como modismos juvenis. Como uma matéria prática, como os desempenhos físicos, os massacres não são mais extraordinários do que mover um dedo alguns centímetros. Eles são muito menos exigentes em habilidade de interação do que roubar indivíduos na rua ou funcionários em lojas, onde o assaltante deve guiar a vítima para executar o comportamento compatível que irá permitir o retorno desejado. Comparado com a promulgação do comportamento que constitui os ataques em massacres íntimos, os adolescentes passam mais tempo e desenvolvem mais habilidade em pentear os seus cabelos. Tiroteios em escolas sobem e descem de acordo com a dinâmica imprevisível que molda os modismos. Tal como as corridas de rua, os tiroteios escolares desafiam a nossa capacidade de compreendê-los devido à diferença radical entre a gravidade moral das suas consequências e a leveza dos motivos culturais que são apreendidos como veículos para o seu desempenho.

Culpar um tema em filmes atuais, em música de *hip hop* ou alguma outra moda na cultura popular é tentador, porque sempre haverá um exemplo à mão. Pela mesma razão, tais explicações são apenas temporariamente convincentes. Há sempre bastante material violento na cultura popular para que os jovens abracem, e quando são violentos usarão algum tema coletivo para motivar os seus ataques. Depois de *Columbine*, os tiroteios da escola se transformaram em um *tropo* na cultura popular. Mas, este é um mercado altamente competitivo e qualquer forma específica de violência culturalmente romântica que possa ser abraçada deve se esperar cair em breve, como outras modas na cultura popular.

A etiologia dos tiroteios escolares no plano coletivo não deve ser separada de uma compreensão da dinâmica da cultura juvenil como um todo. A maioria das

tendências e modas na cultura juvenil é inócua. Mas isso não significa que os motivos apreendidos pelos jovens, tentando dar sentido a emoções vertiginosas por conta própria, - em ambientes onde não há gangues ou outras culturas de violência em curso, e localmente aterradas, - que agarram e que olham para os seus computadores e para a comunicação de massa para encontrar formas de identidade que possam arriscar, estão menos sujeitas a rápidos aumentos e declínios nos seus apelos. Temos de aceitar o absurdo dos massacres íntimos para explicá-los. Não há uma relação sistemática entre a gravidade dos seus efeitos e de suas causas imediatas.

### **Caos aleatório e criação de senso padronizado**

No terreno do trabalho intelectual, tal como está atualmente dividido, a busca por explicações de um crime se encontra perdida entre pesquisas orientadas para políticas públicas, e interpretações psicológicas orientadas por terapia. A fim de obter financiamento e falar efetivamente com os detentores do poder, a pesquisa de políticas públicas está restrita ao uso de categorizações convencionais de problemas sociais e à busca de fatores de fundo que possam ser modificados. Os psicólogos da profundidade acharão demasiado superficiais basear uma teoria sobre as semelhanças comportamentais em cima, e imediatamente em torno, da situação da ação criminal: eles irão percorrer as origens da turbulência emocional.

A justificativa para a abordagem atual é o naturalismo científico, o que William James chamou de empirismo radical. Nós mantemos uma investigação tão próxima ao fenômeno a ser explicado quanto os dados permitem, para documentar o máximo de diferenças possíveis, no processo que especifica o desafio para a explicação. Nós olhamos para a mente apenas quando podemos inferir algo através das facetas observáveis do comportamento em questão. Aceitamos as insuficiências do que está disponível como evidência, apenas porque as alternativas<sup>9</sup> são ainda menos satisfatórias. Ao aceitar que os atores que tentamos entender são severamente perturbados, tentamos captar o sentido do que eles fazem, encontrando, através de casos, métodos repetidos na montagem e execução de ofensivas que dão sentido às suas loucuras, mesmo que durante, apenas, a explosão de tiros que cria a destruição duradoura.

Na pesquisa criminológica em geral, tentamos explicar erupções momentâneas de comportamento fático produzido por pessoas que estão lutando para entender como elas se encaixam em seus mundos sociais. As explicações usuais são suspeitas, não porque elas fazem muito pouco, mas, porque fazem muito sentido para explicar eventos biograficamente raros. Devemos ter em mente a ironia de que, - enquanto o curso da vida e as explicações sociais ecológicas transbordam de falsos positivos, - essa falha, se for possível ser negligenciada, aumentará o apelo às audiências políticas ou politicamente orientadas, porque autoriza uma maior jurisdição para os seus poderes.

Para compreender as pessoas que estudamos, a principal apreciação é a de que uma neblina desceu em algum lugar entre a origem pessoal, a paisagem contemporânea e a produção situacional do self. O vale em que vivem os assaltantes, mais frequentemente se torna uma longa depressão, cheia de atos de autodestruição e de uma luta duradoura para esconder a loucura sob as aparências convencionais. Quando estudamos os massacres íntimos, nos concentramos naqueles poucos exibicionistas profundamente inibidos que, por um momento, insistem em forçar todo mundo a testemunhar um esforço de dar sentido às suas vidas.

---

<sup>9</sup>Isto é, as explicações avançadas sobre as lógicas que se encaixam no que já acreditamos, desenvolvendo esboços explicativos *mus* que podem ser extraídos das poucas variáveis biográficas e ecológicas sociais que podem ser documentadas para todos os casos.

A resposta mais comum é fugir dos horrores do crime invocando remédios tais como o controle de armas, melhores serviços de saúde mental, uma redução da violência na mídia e, até mesmo, uma liberalização da cultura em comunidades rurais e suburbanas, brancas e de classe média. Seja qual for o lado que se tome, o que se segue é uma discussão que, embora apaixonada e contenciosa, é conduzida pela chave da racionalidade, que efetivamente desloca o confronto com o incompreensível. Os acadêmicos têm a grande vantagem de que seu trabalho seja quase sempre praticamente irrelevante para o público em massa e para as pessoas no poder. Em nossa irrelevância, temos uma liberdade única para dar sentido a ações geralmente deixadas a se mostrar como sem sentido<sup>10</sup>.

### Referências

- BITTNER, E. *The Functions of the Police in Modern Society*. Cambridge, MA: Oelgeschlager, Gunn & Hain, 1979.
- DeJONG, W; EPSTEIN, JC & HART, TE. Bad things happen in good communities. In: MH Moore, (ed.) *Deadly Lessons*. Washington, DC: National Academy Press, 70–100, 2003.
- ERIKSON, K.. Patient role and social uncertainty: A dilemma of the mentally ill. *Psychiatry*, n. 20, p. 273-274, 1957.
- GOFFMAN, A. *On the Run*. Chicago, IL: University of Chicago, 2014.
- GOFFMAN, E. *Relations in Public*. New York: Harper, 1971.
- HAGAN J; HIRSCHFIELD, P & SHEDD, C. Shooting at Tilden High. In: MH Moore (ed.) *Deadly Lessons*. Washington, DC: National Academy Press, 163-197, 2003.
- JACKSON-JACOBS, C. Constructing physical fights. *Qualitative Sociology*, v. 36, 1, p. 23-52, 2013.
- KATZ, J. Situational evidence. *Sociological Methods & Research*, v. 44, n. 1, p. 108-144, 2015.
- KATZ, J. *Seductions of Crime*. New York: Basic Books, 1988.
- KATZ, J. *How Emotions Work*. Chicago, IL: University of Chicago, 1999.
- KATZ, J. Analytic induction. In: NJ Smelser and PB Baltes (Eds.) *International Encyclopedia of the Social and Behavioral Sciences*. v. 1, Oxford: Elsevier, p. 480-484, 2001.
- KATZ, J. Start here. *Theoretical Criminology*, v. 6, n. 3, p. 255-278, 2002.
- KATZ, J. & JACKSON-JACOBS, C. The criminologists' gang. In: C. Sumner (Ed.) *Companion to Criminology*. Oxford: Blackwell, p. 1–34, 2003.
- LEMERT, EM. Paranoia and the dynamics of exclusion. *Sociometry*, v. 25, n. 1, p. 2-20, 1962.

---

<sup>10</sup>**Agradecimentos:** Este artigo teve início em uma conferência dada em novembro de 2013 sobre o tema da "*Unrestrained Violence*", no simpósio organizado por Bernhard Giesen na Universidade de Giessen. As sugestões de Randall Collins, a resistência de Katherine Newman e a ajuda editorial de Simon Cole e Mary Bosworth foram particularmente úteis.

**Financiamento:** Esta pesquisa não recebeu nenhuma concessão específica de qualquer agência de financiamento nos setores público, comercial ou sem fins lucrativos.

LIEBERSON, S and LYNN, FB. (2002). Barking up the wrong branch. *Annual Review of Sociology*, n. 28, p. 1–19.

MATZA, D. *Becoming Deviant*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1969.

NEWMAN, KS & FOX, C. Repeat tragedy: Rampage shootings in American high school and college settings, 2002-2008. *American Behavioral Scientist*, n. 52 (May): 1286-1308, 2009.

NEWMAN, KS. Adolescent culture and the tragedy of rampage shootings. In: N. Böckler; T. Seeger and P. Sitzer (Eds.) *School Shootings and Concepts for Prevention*. New York: Springer Science+Business Media, p. 55-77, 2013.

PAULLE, B. *Toxic Schools*. Chicago, IL: University of Chicago, 2013.

ROGAN, RG and LANCELEY, FJ. *Contemporary Theory, Research, and Practice of Crisis and Hostage Negotiation*. Cresskill, NJ: Hampton, 2010.

